

MEMÓRIAS DOS APOSENTADOS

ARTHUR CÓGAN

PROCURADOR DE JUSTIÇA APOSENTADO

Início e saída do MPSP: 19/01/1953 a 29/12/1004

APMP: Foram mais de quatro décadas de vida ativa no Ministério Público, o senhor poderia falar um pouco desta época?

Eu prestei concurso para o MP no final do segundo semestre de 1952, no dia 25 de dezembro de 1952 saiu o resultado do concurso. Na época a carreira tinha doze cargos de substituto, e para se preencher por concurso estes doze cargos eram necessários que todos estivessem vagos todos os doze cargos. Ai nascia a dificuldade e a demora de concursos porque era muito pequeno o número na época. No dia 19 de janeiro de 1953 é que tomamos posse, e ai iniciou-se a minha carreira no MPSP.

APMP: Como foi o concurso do senhor

O concurso do MPSP naquela época era cerebrino, porque eram pouquíssimas as vagas, doze vagas, que correspondem a uma dificuldade muito maior do numero de candidatos pequenos que se tem hoje, mas hoje as vagas são muitas. E para disputar essas vagas era um verdadeiro fim de mundo. A prova era completamente diferente do que existe hoje, todos iam até o final. Fazia-se uma prova escrita e todos iam para o oral, este exame oral é que era draconiano, existia a chamada arguição recíproca, então todos os candidatos tinham que estar durante todos os dias do concurso, no salão do concurso, e começava a se fazendo o sorteio de dois candidatos, numa mesa como essa, lá um candidato, aqui outro, e ali a banca de concurso assistindo. Durante quinze minutos cada candidato tinha um prazo com toda a legislação na mesa para arguir o seu colega, havia a chamada arguição recíproca, que era draconiana, digo eu, porque a finalidade de um candidato era derrubar o outro, quer dizer, os colegas se tornavam algozes dos

seus próprios colegas porque representavam um candidato a menos para as poucas vagas que existiam. Então durante quinze minutos um examinava perguntava livremente discutiam depois o outro examinava, ai passava-se os dois a serem arguidos pela banca. A banca aproveitava o que eles fizeram na arguição recíproca pra cobrar deles e para fazerem as arguições normais. A banca era formada pelo procurador-geral que era o seu presidente que permanecia o tempo todo presidindo todo o concurso, e mais quatro sub-procuradores de justiça que corresponderiam aos hoje procuradores de justiça, e se faziam bienalmente uma eleição de quatro sub-procuradores para constituir o Conselho Superior do Ministério Público, eram donos de todo o MP, porque eles que faziam o exame, eles faziam as promoções, eles que aplicavam as penalidades, quer dizer, enfim todas as funções que hoje existem no MP eram exercidas por esses quatro procuradores, presidida pelo procurador-geral.

APMP: Como foi a experiência como promotor Substituto?

O período de promotor Substituto foi muito pequeno, porque havia inúmeras vagas no Estado todo, péssimas comarcas, mal situadas que estavam vagas, e existia naquele tempo o promotor substituto interino, nomeado pelo Secretário da Justiça, na pasta da Justiça, então era grande o numero de promotores substitutos interinos que compulsoriamente eram escritos quando vinha o concurso oficial. A permanência como promotor substituto foi porque e logo mais nos já tivemos as vagas e fomos todos promovidos.

APMP: Qual foi a primeira comarca?

Comarcas: A primeira comarca, Nova Granada, além de Rio Preto, não tinha nenhum calçamento, matadores profissionais, era uma cidade bastante preocupante, populosa, a grande criminalidade da época eram as quadrilhas de ladrões de cavalos, verdadeiros morticínios. Não tínhamos recurso nenhum, a cidade tinha telefone no Fórum, na Delegacia e no posto telefônico, só. Máquina de escrever, eu carregava a minha dentro da mala de viagem acostumada desde o tempo de substituto, porque o cartório não

tinha uma maquina para emprestar para o promotor, e era o promotor quem fazia tudo sozinho, não tinha ninguém que o auxiliasse. Permaneci durante um ano nesta comarca de Nova Granada, que ela em si me deixou boas lembranças, mas assim, bem draconianas, como meu disse e repito a palavra, porque enfrentei situações muito difíceis.

APMP: Como os moradores viam a presença de um promotor de Justiça na cidade?

Quando eu assumi, já fazia dois ou três anos que não tinha promotor efetivo, eu substitui um promotor interino, com a minha chegada perdeu o cargo, ele tinha prestado o concurso e não tinha sido aprovado. Por várias vezes. Então, promotor sempre tiveram, mas sem qualquer garantia e sem a figura do promotor que nós representávamos. Todo respeito possível, nada dever para a população. Mas muito perigoso para o seu exercício, pela forma com que se fazia. A policia muito pequena, uma delegacia de policia um pequeno destacamento, um sargento comandando, e numa das audiências, enquanto sentados na mesa, um advogado de defesa que era de Rio Preto, porque na cidade de Nova Granada só tinha dois bacharéis exercendo a função, eu e mais o réu, que era de uma quadrilha de ladrões de cavalos, aguardando o juiz que atendia uma senhora, ele me disse: - doutor, o comandante da outra quadrilha meu adversário, e a quem eu denunciei por um fator que o levou a cadeia e ele está preso vai me mandar matar, porque faleceu a senhora dele e começou a correr na cidade um boato de que o seccional da polícia de Rio Preto teria dito que ele poderia vir para o enterro que ele não seria preso. Quando isso chegou aos meus ouvidos, chamei o delegado da cidade, meu contemporâneo meu calouro na São Francisco, e o instrui para que ele fosse com dois soldados ao enterro e se o réu aparecesse, para ele o prender, fazer acompanhar o enterro e depois o trazer para a cadeia. Como não havia segredo na cidade, a minha resolução correu e ele não assistiu o enterro da mulher. Então este adversário dele me dizia: - ele não pode vir ao enterro está preso por uma trama que eu fiz, ele vai me mandar matar. Isto foi numa quarta-feira, em dia de audiência. Na segunda-feira, quando entrei na pensão em que

morava e fechei a porta do quarto-, rústico, ruim, em que morávamos os professores e eu o promotor, umas batidas muito forte na porte, eu peguei o revolver e abri a porta era o delegado que entrou e me disse:-doutor Cogan, acabaram de matar aquele réu. Vocês vêm como era preocupante a situação nesta cidade de Nova Granada nos anos de 1953. Fiquei por lá um ano.

E eu consegui véspera do meu casamento, marcado para o dia 26 de dezembro uma remoção para uma cidade chamadauma pequena cidade perto de São Carlos, uma cidade maravilhosa, sem problemas sérios, sem qualquer agitação, e onde eu montei a primeira casa de casado, e foi um ano maravilhoso. Cordial, a única figura que destoava do ambiente era o juiz, com quem eu tive seríssimos problemas e me tornei campeão de correições parciais, porque eu encostava na parede, naquela época a correição parcial era feita da seguinte forma:era uma lei estadual que estabeleceu a correição parcial, a gente interpunha a correição requerendo ao tribunal, mas despachando com o próprio juiz, e o juiz já tinha que informar a petição e mandar informada para o Tribunal e, eu me tornei campeão de ganhar correições parciais contra este juiz.

APMP: Como foi a passagem para a segunda entrância?

Neste ano abriram-se as vagas para a 2ª entrância, eram 14 vagas, e eu iria fatalmente ser promovido, porque eu estava na relação daqueles que iriam por merecimento. Nós éramos doze o que entramos, todos, tirando quatro ou cinco que já não representava no Ministério Público a possibilidade de promoção por merecimento iriam ser promovidos, então era certa a minha promoção. Eu pretendia naquela época uma comarca que ficasse perto de Botucatu-,para Agudos, porque minha mulher filha única, a mãe viúva morando com a avó da minha mulher era funcionária pública em Botucatu. Então, eu queria na gravidez dela, ela já estava grávida quando eu ia ser promovido para a 2ª entrância, que ela estivesse numa comarca perto de Botucatu e a mais próxima era a de Agudos e manifestei esta minha vontade para a comissão

formada pelos sub procuradores. Lamentavelmente (não quero entrar em maiores detalhes nesta entrevista) a lista invés de ir Agudos, Santo Anastácio, na ordem alfabética, foi invertida, Santo Anastácio e só Santo Anastácio, quando todos os outros entraram em duas, porque: Santo Anastácio –Arthur Cógan b e c, a outra: b, c e d...quer dizer, repetindo o nome de cada um em duas comarcas, e eu, o primeiro, Arthur Cógan ou iria para Santo Anastácio ou não seria promovido. Foi um momento de muita dificuldade na minha vida profissional. Minha mulher estava adiantado o estado de gravidez, eu não iria levá-la para uma cidade a 700 km de São Paulo, uma cidade tão difícil como Nova Granada, um pouquinho mais desenvolvida, mas, também com muito problema, mas, coloquei acima de tudo a carreira e fui para Santo Anastácio.

APMP: Foi bom lá?

Como cidade foi ótima, como promotoria tive oportunidade de excelentes serviços. O juiz e eu nos entrosamos muito bem, tivemos um ano um ano e meio de uma atuação tranquila na promotoria. Agora, a cidade não tinha recurso nenhum e eu morando inicialmente em um hotel, mas não era hotel, com falta de recurso também, eu estava sozinho, porque não podia levar a minha mulher para lá com adiantado estado de gravidez, me tornei amigo de um professor de educação física que estava também sozinho na cidade, quartos pegados, e uma noite, a meia noite, ele me tirou da cama dizendo:-há um telefonema urgente na portaria pra você, quando eu cheguei lá era a minha irmã dizendo:-a sua mulher foi para a maternidade e ela quer que você venha já para São Paulo. Então, acompanhei o nascimento do José Damião, hoje desembargador, pelo telefone a noite toda. Até que às 3h, 4h horas da manhã a minha mãe ligou e disse que estava tudo bem. Em Santo Anastácio havia três vezes por semana uma linha de avião da Vasp que parava numa cidade do caminho e depois terminava em Santo Anastácio, a tripulação pernoitava na minha pensão. E os dois tripulantes e a aeromoça, isso eu posso dizer, todas as noites depois do jantar iam para Presidente Prudente que era comarca grande próxima, e voltam de madrugada porque lá já tinha boate, e, em seguida, às 6h-7h da manhã estavam saindo com o avião.

Nesta noite eu fiquei em branco, em claro, e às 6h-7h da manhã eu sai com eles. E seis, sete, oito horas depois que o José Damião nasceu eu estava chegando à maternidade em que ele tinha nascido.

APMP: Depois de Santo Anastácio o senhor foi para qual cidade.

Presidente Prudente pegado a Santo Anastácio e a grande comarca daquela região. Uma cidade totalmente asfaltada naquela época, quando Santo Anastácio era todo em lama, tinha já dois grandes hospitais, 30 ou 40 advogados, muito crime, uma cidade: terra de muito aventureiro porque era o fim da alta Sorocabana.

APMP: como receberam o promotor de Justiça lá.

Tive problemas muito sérios, muito graves, tive incidente gravíssimo com o delegado da cidade, contra quem eu ofereci uma denúncia, e ele veio ao Fórum para me agredir, deu uma correção extraordinária do MP a meu pedido, a situação foi controlada o processo foi acerado e eu recebi como oferta naquela época, como eu estava comissionado em Presidente Prudente, o corregedor da época, Mario de Moura e Albuquerque, me propôs que ia dar uma vaga em Rio Claro, mas uma vaga temporária, que o promotor ia ser comissionado em São Paulo e eu poderia ser comissionado na vaga dele, em Rio Claro. E eu deixei claro, só vou depois de acertado todos esses incidentes com o delegado, e realmente foi acertado, processos e sindicâncias, tudo que devia ser feito. E lá fui eu para Rio Claro, que foi um achado na minha vida. Eu que tinha feito à carreira toda em comarcas trabalhosíssimas sob o ponto de vista pessoal, pela falta de recursos, parecia que eu tinha mudado de status. Rio Claro naquela época tinha o famoso colégio koelle, que ainda existe hoje, lá naquela época era um colégio centenário, e que, todos os filhos de juizes nas vésperas de fazer inscrição os pais vinham conversar com o doutor Luiz Arruda, o juiz da comarca, para ver se conseguiam obter uma vaga para os filhos porque era um colégio disputadíssimo. Então eu tive três anos muito trabalhosos, com muitos problemas, mas, felizmente foi à cidade onde eu me realizei.

APMP: Como foi que o senhor chegou à terceira entrância?

Antes de falar sobre a terceira entrância eu quero deixar lembrado, que por um lapso deixei de falar, quando sai de Nova Granada, eu me removi para a belíssima Ribeirão Bonito, uma pequena comarca perto de São Carlos. Era ligada por um ramal que só passava uma vez por dia, mas foi à cidade onde eu montei a minha primeira casa, voltei como corregedor, lá, recebi grandes homenagens e guardo uma grande saudade dessa Ribeirão Bonito.

3ª Entrância

A minha terceira entrância foi a que mais marcou a minha vida de promotor no interior, Rio Claro, a qual até hoje estou ligado, inclusive o meu segundo filho, desembargador Marco Antonio, nasceu em Rio Claro, é Rioclarense, por um acidente, porque não deu tempo de chegar até Campinas, que era o grande centro que a gente usava naquela época, e ele teve que ter assistido no próprio hospital da cidade. Aliás, eu não gostaria de citar, mas devo citar, que eu tinha preparado tudo para ele nascer em Campinas, médico de Campinas, porque Rio Claro naquela época, apesar de já ter quinze ou vinte médicos e ter dois hospitais não representava aquele adiantamento de uma grande cidade como é hoje, então a gente procurava todos os recursos em Campinas. Eu tinha preparado tudo quando na madrugada de 1º de maio antecipou-se o nascimento dele e a madre do hospital me disse-, não dá tempo de chegar a Campinas, e não havia médico na cidade por causa do feriado de 1º de maio e trouxeram um médico que eu nunca mais vi na minha vida e que não tirou o paletó para fazer o parto. Quinze dias depois nós levamos o Marco Antonio para o Penido Burnier de Campinas a morte, ele tinha apanhado uma infecção hospitalar. Durante quinze dias permanecemos, eu, minha mulher e minha sogra, que passou a morar comigo quando ficou sozinha, minha mulher filha única, nós ficamos quinze dias sem tirar as roupas e a cidade de Rio Claro fez verdadeiras romarias a Campinas porque foi uma situação profundamente desagradável num parto de um filho do promotor, ele apanhar no hospital da cidade uma infecção.

Felizmente ele conseguiu vencer esta crise e está hoje desembargador da nossa justiça. Quanto a cidade de Rio Claro, o juiz era maravilhoso, muito conhecido de todos Luiz Gonzaga de Arruda Campos, era um homem que dava toda a cobertura pra gente, ficamos muito amigos, continuei indo visitá-lo quanto doente, já procurador aqui em São Paulo, e em Rio Claro, durante três anos eu consegui officiar em grandes processos e grandes realizações, eu era um único promotor em uma só vara em Rio Claro, pra ver o desenvolvimento, hoje a cidade tem oito varas, e eram só eu e o juiz Arruda Campos pegando mais duas cidades vizinhas, muito trabalhosa, mas foi uma cidade onde eu realmente me realizei.

Devo explicar pra vocês que naquela época terceira entrância era o final da carreira, então eu fiquei em Rio Claro comissionado, até que o promotor de Rio Claro acabou promovido no comissionamento dele que ele tinha em São Paulo, e eu fui efetivado na minha vaga. Houve umas tratativas puramente de natureza administrativa, esses acordos que até hoje se fazem para acertar as carreiras, eu fui promovido para Batatais e um outro promotor para Rio Claro, na condição de permutarmos, ele continuar em Batatais, onde ele estava comissionado, e eu continuar em Rio Claro, onde eu estava comissionado. Ai eu virei titular da comarca de Rio Claro. Tive a melhor recepção, fui rotariano, participei de todas as grandes solenidades, deixei grandes amigos, a maioria falecidos, e o decano dos advogados de Rio Claro, que depois foi prefeito, é até hoje um dos meus melhores amigos. Quando o Marco Antonio nasceu, as testemunhas do nascimento dele são o juiz, e este advogado que ainda esta lá em Rio Claro, Álvaro Perin, como decano dos advogados de R.C.

APMP: O próximo passo, como foi?

A quarta entrância era só a capital, mas houve um abuso legislativo, como só ia acontecer, naquela época podia-se, depois é que se criou um obstáculo para que o legislativo não pudesse por iniciativa própria mexer no judiciário e se elevaram 16 comarcas de terceira entrância a mesma entrância da capital passando a ser comarcas de quarta entrância. Então, veio uma vaga em Rio Preto, eu já estava três anos em RC, eu podia disputar essa vaga, mas, vim a São Paulo e disse a um dos membros do conselho com quem eu tinha ligações: eu comecei em nova Granada , que era na região de Rio Preto, hoje quarta entrância é fim de carreira, e eu não quero terminar a minha carreira em Rio Preto, eu não tenho vínculo nenhum com a cidade . E ele acertou em pouco tempo minha situação. Eu fui promovido para Rio Preto, quarta entrância, e fiz uma permuta com o promotor Javert de Andrade, promotor da 15ª Vara criminal de São Paulo, que estava comissionado como diretor do presídio de Rio Preto. Há uma história toda particular, que não comporta ser contada aqui, as razões que levaram Javert de Andrade, promotor da 15ª Vara criminal, a ser diretor do presídio de Rio Preto, que hoje tem o nome dele. Essa permuta, fui com um amigo de perua até Rio Preto, encontrei com Javier, que eu não conhecia, mas foi elegantíssimo me esperando no Fórum, assinei o pedido de permuta, e , voltei para Rio Claro aguardando sair esta permuta. Assim eu fui para a 15ª Vara Criminal da capital acertado já na procuradoria que eu faria uma trílice remoção para acertar a situação de vários colegas. Permaneci na 15ª Vara, que eu não relaciono nem na minha carreira, foi um passo curto, só para acerto de situação, e acabei definitivamente o 8º promotor público na capital, numa trílice permuta feita pela procuradoria.

4ª Entrância

Na capital, esta situação de 4ª entrância incomodava muita gente, criou um problema gravíssimo no judiciário e no Ministério Público, porque todos os promotores de interior começaram a preferir ir para estas comarcas de fim de carreira, perto das regiões dele ou de onde eles pertenciam e não se inscreviam mais para São Paulo, e começou a criar-se um dilema para a magistratura e o MP com a falta de inscrições para a capital e o preenchimento de promotores nessas comarcas de interior. Até que se fez um acerto e a capital foi elevada a entrância especial, que hoje é entrância especial. Criou-se mais um passo dentro da carreira.

APMP: Foram muitas as dificuldades?

Até chegar a corregedoria foi um espaço grande, eu tive muita preterição na carreira, posso dizer e repito. Nas promoções por merecimento, na minha 13ª indicação, eu terceira indicação da lista, um colega mais novo que estava ocupando um cargo político entrou na lista no terceiro lugar e foi promovido na minha frente (não vou entrar em detalhes) tendo sido tantas vezes preterido eu acabei tendo a futura indicação como a 4ª indicação por merecimento, porque eu fui preterido na terceira por este colega que me pulou, mesmo fora da carreira, hoje já não é possível isso, a lei não permite promoção fora da carreira, e ele foi promovido ocupando um cargo fora da carreira, ocupando um cargo político do governo. Ai eu passei a ser a quarta indicação, e a Lei da época de merecimento era compulsória. 37:30 Eu tranquilamente esperei pela vaga. E assim como no dia 25 de dezembro 1952 eu fui nomeado substituto, no dia 25 de dezembro deste ano eu fui nomeado procurador, na quarta indicação compulsória por merecimento. Na procuradoria, a situação mudou muito nos aspectos negativos que eu encontrei durante a carreira em razão de preterições. Promovido a procurador, dois anos depois eu fui eleito Corregedor, de 29 votantes eu tive 27, por uma nuidade expressiva de procuradores, quase todos eles geração antiga dos 38 que compunham o então

Colégio de Procuradores, todos com mais de 60-70 anos (38:39). Então eu fui promovido a Corregedor com dois anos de exercício da procuradoria. É verdade que eu trazia atrás aquele tempo todo que eu tive de entrância especial e não tive promoções. Já em 27 de dezembro de 1978 foi à sessão solene em que eu assumi o cargo de Corregedor-Geral do MPSP para exercer de 01/01/79 à 31/12/1980. Coincidências, meu filho José Damião, no dia 01 de dezembro teve uma brilhante colocação no Concurso para juiz, e no dia 27 de dezembro eu assumi o cargo de Corregedor. A título de curiosidade, contado como piada até hoje: o Corregedor estava no gabinete dele quando toca o telefone e o promotor substituto José Damião diz:-sr. Corregedor, a Comarca que eu to agora não tem hotel, é uma Comarca de passagens, só tem alojamento para caminhoneiros. Eu disse:-então o senhor compra uma cama de vento e dormi ai no Fórum..risos.

APMP: Como foi o relacionamento com os procuradores-gerais?

Há um deles que eu tenho pra mim como questão de honra, não deixar de fazer, mas o último trabalho que eu quero fazer escrito será uma homenagem a este procurador, que eu considero, a maior figura que passou no MP nos 60 anos que eu conheço o MP, o procurador José Augusto Cesar Salgado. Ele foi três vezes procurador-geral, foi meu professor de processo penal na então Escola de Polícia que existia, antecedendo esta academia de policia, e onde tinha um curso de criminologia para estudantes finalistas de direito ou bacharéis, e presidente da banca de concurso em que eu fui aprovado. Devo a ele, por situação especial, que não comporta dizer agora ter me insistido na entrada do MP, tive nele o emblema do que é o Ministério Público. Desejo, de coração, fazer uma biografia de José Augusto César Salgado, o promotor das Américas, título que ele recebeu na época.

APMP: Com a Constituição Federal de 1988, o que mudou de lá para cá.

O MP teve o seu verdadeiro papel fixado definitivamente na Constituição de 1988. Muita coisa que hoje querem tirar. A independência total do MP veio com a Constituição de 88. Porque anteriormente, vejam bem, no correr da minha carreira, muitos dos fatos que ocorreram comigo, fatos negativos, não teriam ocorrido se o MP tivesse total independência. Nós tínhamos uma subordinação muito grande ao executivo. Era o governador que nomeava, era o governador que removia. Por proposta do Conselho, mas diretamente do governador. Eu era o numero 1 da lista tríplice de procurador, não podia ser nomeado o terceiro, porque o presidente que era o procurador-geral da indicação era quem nomeava. Como acontece hoje, o CSMP indica, é feito o que o presidente indica, o fato é quem vai ter o poder de executar, o que não havia naquela época. Havia uma interferência muito grande e prejudicial do executivo na vida do MP, cuja autonomia veio com a CF88.

APMP: O senhor chegou a receber convite para trabalhar no governo?

Eu sempre fui arredio à política, e o meu temperamento não é para cargos políticos. A minha intransigência pessoal não se casa muito bem com aquela necessidade que o político tem de poder adaptar situações. Mas, houve um fato totalmente desconhecido na carreira que eu posso citar. Eu já lecionava na Escola de Oficiais, que naquele tempo se chamava Centro de Formação e Aperfeiçoamento. Eu vim para São Paulo em julho de 1960, em 1º de agosto de 1960, eu era professor nomeado do Centro de Formação e Aperfeiçoamento da Polícia Militar, que hoje é a Academia Militar do Barro Branco, onde me aposentei depois de 33 anos de atividade. Fui indicado para o cargo por um dos procuradores do Conselho Superior, que estando a lecionar lá, me chamou e disse:- eu to exercendo o cargo de diretor dos presídios e

to perdendo muita aula, e vou deixar as aulas, e vou indicar você para me substituir. A coincidência foi tão grande que um mês e meio depois que eu cheguei como promotor da capital eu passei a ser promotor do Barro Branco. E assim como, em 19 de janeiro de 2013, eu recebi desta associação uma grata homenagem pelos meus 60 anos de MP, há três anos a Academia me homenageou, com desfile, dei aula inaugural, cartão de prata, por ter completado 50 anos da Academia do Barro Branco. Então, esta situação é muito pessoal e agradável para mim.

Histórias extras: episódio marcante em 1967

Tive um acontecimento que entendo que pela sua gravidade foi o único que tivemos no MP.

Eu estava, no dia 23 de dezembro de 1967, de férias, e com o carro, já pronto com a bagagem para na madrugada do dia 23 para o dia 24 eu com a família para a Colônia da Força Pública em Serra Negra, dos Oficiais da Polícia Militar, eu já professor do Barro Branco, e até hoje sócio desta associação. No decorrer do dia, eu em casa, houve um telefonema que eu atendi, e fiquei surpreso, porque neste telefonema alguém me disse uma série de palavrões, e disse: -nós vamos jogar uma bomba em sua casa. Eu respondi com impropérios achando que era um trote. Minha mulher veio correndo da cozinha perguntar o que aconteceu. Eu disse:- algum engraçadinho querendo passar um trote. Acontece que durante o dia foram dados oito ou dez telefonemas e a meia noite quando nós já estávamos dormindo o telefone tocou e quando eu acordei e peguei o telefone a pessoa repetiu a mesma frase:- nós vamos jogar uma bomba na sua casa. Fiquei preocupado e disse para a minha mulher que o caso era mais sério, eu preciso ver o que se pode fazer. Liguei para um delegado de polícia, meu companheiro de há muitos anos, solteiro, e disse pra ele: - o que eu posso fazer a esta altura da noite. Ele disse:- me da meia hora que eu lhe dou a

resposta. Meia hora depois ele me ligou já do Dops (Departamento de Ordem Política e Social) , nós estávamos no tempo da Revolução de 1962, e me pôs em contato com o delegado de plantão do Dops, a quem eu relatei o fato. Ele me disse:- doutor a cidade esta toda agitada, temos recebido muitas reclamações de ameaça e de concreto não se pode fazer nada. Vou por uma viatura na porta da sua casa enquanto o senhor estiver viajando. Mas, não pôs. Na colônia (onde eu cheguei no dia 24) , no dia 06 de janeiro, conversando com o coronel administrador da colônia contei o fato para ele, e fui me deitar. Duas horas da manha bateram com toda força na minha porta e, quando abrimos a colônia toda estava lá. Dois investigadores da delegacia de Serra Negra tinham vindo me avisar que houvera um telefone de São Paulo dizendo que a minha casa estava incendiada e trazendo um numero de telefone para eu ligar, examinei o úmero e disse:-não sei quem é, virei para o coronel e disse:-o senhor lembra da história que te contei, o trote deve estar continuando. Fomos à administração e liguei para aquele telefone trazido pelos investigadores e era um telefone da casa vizinha a minha, onde o meu irmão estava me esperando e disse:olha, sua casa está em chamas, mamãe e papai estão no meio de uma multidão na rua. Eu imediatamente me preparei para voltar e o coronel disse:- não, o senhor não vai com o seu carro. O senhor se acalme, acomode os seus filhos, nós vamos providenciar segurança para os seus filhos, nós vamos providenciar segurança para os seus filhos, como realmente fizeram, e ele me trouxe para São Paulo de Jipe. Quando chegamos na casa, casa que eu comprei financiada pelo Ipesp, e tinha acabado de reformar financiada pelo Ipesp. ..Corria aquela água suja dos bombeiros, arrebentaram a porta principal, arrebentaram o vitrô, a casa estava estilhaçada. Eu cheguei às seis horas. Uma multidão de curiosos. Às seis e meia chega o comandante do corpo de bombeiros, coronel Paulo Marques Pereira, que foi meu aluno no curso de capitães. Ele estava de férias. Mas, quando soube que era a minha casa ele veio ver o que tinha acontecido. Correu, olhou toda aquela coisa e disse: - que sujeira que os meus meninos fizeram, eles não sabiam que a casa era do senhor.

FIM